

EDITORIAL

Em um momento marcado pelo avanço da ultradireita, pela intensificação das violências estruturais e pela captura neoliberal das pautas emancipatórias, de que forma as práticas artísticas feministas e dissidentes na América Latina se corporificam como espaços de resistência e imaginação política?

Seria pela luta ativa e pela busca de alargamento de direitos. Seria por meio de criação estética e posicionamento crítico. Seria por meio da denúncia das violências estruturais. Seria por meio da experiência e pela consolidação prefigurativa de outras formas de existir e habitar o mundo. Tais respostas tangenciam a corporificação dos espaços de resistência e as possibilidades de imaginação política. Elas atravessam o presente **Dossiê Feminismos e anticapitalismo: cruzos entre artistas, coletivos e exposições na América Latina** em fluxos de palavra e imagem que agrupam ativismos, práticas situadas, criação de pedagogias, territórios e corpos.

Organizado por Fabiana Faleiros, Fernanda Grigolin e Priscila Miraz, este dossiê tem em si uma intenção de conjunto editorial a se encontrar com quem o lê e o vê, composta por 16 participações divididas em quatro partes. A seleção de trabalhos inclui artigos acadêmicos, ensaios visuais, traduções, uma entrevista e um atravessamento: o ensaio visual da artista mexicana CERRUCHA. O trabalho da artista se apresenta quatro vezes (um deles é a capa) e dialoga visualmente com a pintura de Pedro Ramos, colagens visuais e a epígrafe.

Na primeira parte do dossiê, intitulada Linguagens políticas, a ação desloca-se à potência criativa das ruas. Materializa-se na assembleia antifascista argentina e numa Instant Band, além de trabalhos que abordam a luta articulada sob narrativas pessoais/coletivas sobre experiências silenciadas (aborto) e a articulação visual de corpo, território e memória

Em Práticas Situadas, segunda parte, coletivos como Mujeres Públicas e Mujeres Creando são apresentados em diálogo com a arte conceitual latino-americana tensionando no espaço público as alianças entre colonialidade, patriarcado, capitalismo e moral religiosa. No bloco, a arte atua como resistência ao conservadorismo, denunciando o etarismo, os feminicídios e as violências domésticas, servindo como reparação simbólica e estratégia de sobrevivência contra as estruturas da violência patriarcal.

Na terceira parte, Pedagogias Feministas, há participações que tratam de criações de pedagogias. A performance *Un violador en tu camino* (LASTESIS) une feminismo e anticapitalismo como contranarrativas para ocupar ruas e ressignificar a arte. A "guerrilha pictórica" enfrenta o racismo estrutural e a violência estatal contra corpos pretos e periféricos nas ruas e galerias. Terra Femini usa metodologias que unem arte, tecnologia e pedagogias feministas, em diálogo com a performance de Ana Mendieta como potência de desordem das normas de gênero.

Já na quarta parte, a relação Corpo-território é política. O corpo gordo, por exemplo, atua como desestabilizador de normas. Casas-ateliê são expostas em cisão de dicotomias patriarcais (arte/vida e trabalho/cuidado), somando-se a práticas escultóricas insubmissas. Ainda no bloco, a entrevista com a anarcotransfeminista Bruna Kury foca em sua prática anticolonial.

As epígrafes sobre a greve (Gioconda Belli) e o verso da Glorieta de las Mujeres operam como fagulhas para novas ações, chamando quem lê ainda mais para o processo.

E como uma greve nascendo em cada corpo, convocamos a sua leitura implicada, na qual as imagens, os textos e os gestos aqui reunidos reverberam, tensionam e convocam você para imaginar e atuar no futuro que almejamos.